REVISTA

Mulheres Fluminenses

FUNDAÇÃO CEPERJ

Edição Especial
Novembro de 2020

Arte de Isabel Gonçalves

Mulheres que falam são invencíveis

Antigos Projetos Novas Reflexões

Se tem uma coisa que considero vital para um trabalho de excelência é aprimorar ideias antigas e colocar as novas em prática. Depois de duas edições de sucesso do Boletim Mulheres Fluminenses, o Centro de Estatísticas, Estudos e Pesquisas (CEEP), da Fundação **CEPERJ** resolveu aperfeiçoar o projeto.

Por isso, publicamos esta edição especial do boletim, que contém análises e reflexões sobre a condição feminina atual. De forma transversal, abordamos tópicos como trabalho, violência doméstica, saúde física e emocional, representatividade, segurança pública, entre outros.

Queremos que o público leitor absorva mais do que números e tabelas. Nosso objetivo é estimular ainda mais reflexões e ações positivas a partir das matérias que seguem nas próximas páginas.

O destaque desta edição não poderia ser outro. Maria Isabel de Castro, gestora pública e professora apaixonada, que ocupa atualmente o cargo de Secretária de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI), fala sobre um dos maiores dilemas femininos: como equilibrar vida pessoal e profissional diante de um trabalho que chega a lhe ocupar dezoito horas por dia.

Diante das novas realidades impostas pelo surgimento do coronavírus, percebemos que é urgente iluminar questões femininas que vieram à tona junto com a pandemia.

A violência sanitária contra mulheres é uma delas. Pasme. Você verá aqui uma longa e importante entrevista com a Subsecretária de Políticas para as Mulheres do Rio, Camila Rodrigues. A gestora pública relata o surgimento de casos de homens que saíam às ruas com o intuito de pegar a doença para transmití-la às suas companheiras. Eles também as proibiam de higienizar as mãos e o corpo.

Também conversamos com a juíza criminal e primeira mulher a ocupar a presidência da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), Renata Gil. A magistrada fala sobre a importância da ocupação de cargos de destaque por mulheres e sobre a Campanha Sinal Vermelho, que criou durante a pandemia para ajudar mulheres a denunciarem a violência doméstica. Ela relata que, em razão da campanha, uma mulher que estava há nove anos em cárcere privado conseguiu ser libertada.

Temos a história inspiradora de Luana Lourenço para celebrar o Outubro Rosa. Com doçura e positividade, a assessora especial da Secretaria de Estado de Fazenda do Rio de Janeiro (SEFAZ) diz que ressignificou a vida após descobrir um câncer de mama.

Monique Nascimento, assistente social da **CEPERJ**, também deu um depoimento emocionante. Ela tem vários tumores na cabeça que precisam de acompanhamento médico. Além disso, tem o desafio de cuidar do filho autista que, assim como ela, também teve o tratamento prejudicado por conta das restrições da pandemia.

Boa leitura!

Gisela França Vieira
Diretora do CEEP/CEPERJ

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador em exercício
Claudio Bomfim de Castro e Silva

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretária
Maria Isabel de Castro de Souza

FUNDAÇÃO CENTRO ESTADUAL DE ESTATÍSTICAS, PESQUISAS E FORMAÇÃO DE SERVIDORES PÚBLICOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – CEPERJ

Presidente
Gabriel Lopes

Vice-presidente
Marcello Costa

Centro de Estatísticas, Estudos e Pesquisas – CEEP

Diretora
Gisela França Vieira

Coordenação do Boletim Mulheres Fluminenses
Nathalia Emygdia de Andrade

Equipe Técnica
Alexandre Monteiro de Oliveira
Antônio Carlos Ranauro Cozzolino
Gustavo Rezende Ferreira
Monique Rocha do Nascimento

Assessoria de Comunicação

Coordenação
Thaís Nunes

Jornalista
Cris Veronez

Fotógrafo
Caio Thomaz

Designers
Samara Coimbra
Gabriel Martins

Projeto Gráfico e Diagramação
Isabel Gonçalves

Tiragem: 250 exemplares

SUMÁRIO

6 **EQUILIBRANDO PRATOS**
Secretária de Ciência, Tecnologia e Inovação fala sobre os grandes desafios que as mulheres têm para provar sua capacidade profissional.

9 **CHEGA DE VIOLÊNCIA**
Camila Rodrigues, Subsecretária de Políticas para Mulheres do estado do Rio de Janeiro, diz que, durante a pandemia, violência doméstica se agravou.

12 **DIREITO DAS MULHERES**
A juíza criminal, Renata Gil, comemora vitória das mulheres com aumento do número de denúncias contra violência doméstica desde o início da campanha.

15 **VALORIZANDO A VIDA**
Luana Lourenço, Assessora Especial de Gabinete do Secretário do SEFAZ, diz ter ressignificado sua vida após descoberta de câncer.

18 **MENTE SÃ**
Pesquisa realizada pela CEPERJ, através da Coordenadoria de Gestão da Informação, revela impacto do isolamento social na saúde mental de servidoras.

20 **SUPERAÇÃO**
Monique, 40 anos, Assistente Social, conta que, mesmo a vida lhe impondo muitas dificuldades, encontra força para sonhar com muito alto astral.

Os desafios de *Maria Isabel*

Secretária de Ciência, Tecnologia e Inovação afirma que mostrar que mulheres são tão competentes quanto homens é um grande desafio profissional

Que nós, mulheres, podemos dar conta de mil tarefas ao mesmo tempo sempre foi uma certeza para Maria Isabel de Castro, Secretária de Ciência, Tecnologia e Inovação do estado do Rio de Janeiro. Casada, mãe de dois filhos, trabalhando cerca de 18 horas por dia, e há alguns meses frente da secretaria, ela está acostumada com a agenda cheia. O trabalho como gestora pública, somado às demandas doméstica e acadêmica - sim, ela também é professora -, fazem com que ela precise organizar a rotina. Na verdade, os horários regrados sempre fizeram parte do seu dia a dia, assim como a pressão.

"A expectativa é muito grande. Se você trabalha demais, sofre pressão dentro de casa. Se dedica muito tempo à família, o chefe cobra. É muito difícil equilibrar. Embora a gente esteja com sete pratos na mão tentando equilibrar todos eles para que nenhum caia, vez ou outra perdemos algum. De vez em quando, um deles vai caindo, baixando a rotação, e aí você volta lá para que ele se mantenha equilibrado. Mas não é fácil. Se eu já deixei algum cair? Com certeza. Já tiveram vários pratinhos que eu quis jogar, inclusive. Não existe perfeição. Até porque o próprio espetáculo do circo tem um limite de tempo. Uma hora você precisa guardar os pratos, guardar as varetas e seguir para outro dia".

Mas, apesar da correria, a gestora garante que a concretização de um projeto faz tudo valer a pena.

Já dizia o compositor João Bosco que "a esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar". E o show de Maria Isabel continua.

"Como servidora pública, acredito que ainda tenho muito a contribuir. Minha vida seria muito mais fácil se eu não ocupasse esse cargo, mas acredito que posso fazer a diferença. E quando a gente sente isso, sabe que não vai mudar o mundo, mas pode mudar a realidade de algumas pessoas e isso já faz a diferença".

Ao falar dos filhos, a professora conta que a maternidade foi um divisor de águas em sua vida, e que a transformou em uma profissional melhor e mais preparada.

Quando perguntada sobre que características ela atribui como sendo diferenciais femininos na liderança, ela destaca a sensibilidade. De acordo com Maria Isabel, as mulheres veem o trabalho de forma mais holística, valorizando a conexão entre vida profissional e pessoal.

Ao citar o maior desafio de sua carreira, ela afirma: "Mostrar que mulher é tão competente quanto o homem".

"Infelizmente, as pessoas acham que você não pode ter tudo. Você não pode ser mulher, bonita, educada, competente, responsável. Parece que sempre há um senso comum de desconfiança. Você ocupa um cargo, mas sempre terá de provar que é capaz e que não está ali por um motivo escuso ou por um relacionamento qualquer. As mulheres precisam do dobro de auto-estima e confiança em quem são".

Amor pelo ensino e pela gestão pública

Professora com longa carreira acadêmica na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Maria Isabel viu seu amor pelo ensino crescer logo após se formar em odontologia. E foi na própria UERJ, universidade tão querida por ela, que deu início à sua trajetória. Foi presidente do Centro Acadêmico, mestranda, doutoranda e, em 1999, professora da Universidade. Não bastasse todo esse currículo, ela também foi coordenadora, vice-diretora e diretora da Faculdade de Odontologia. Anos depois assumiu a direção do Departamento de Estágios e Bolsas da Universidade do Estado.

A experiência como gestora pública veio anos mais tarde. Após ser a primeira mulher a assumir a presidência da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), a professora Maria Isabel Castro de Souza foi convidada, em 2018, para assumir a subsecretaria de Ensino Superior, Pesquisa e Inovação da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação, onde dentre outras ações coordenou um trabalho de pesquisa que identifica a subnotificação de casos da Covid-19 no nosso estado.

"Ali começava um intenso trabalho fora dos muros da Universidade. Junto às vinculadas desenvolvi ações que culminaram com a minha indicação à presidência da CECIERJ, cargo que ocupei até aceitar o desafio de assumir a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação. Passei a atuar no desenvolvimento de políticas públicas de incentivo ao ensino de tecnologia e ensino superior a quem precisa e nos lugares mais distantes, tudo mediado pela tecnologia".

A secretaria reúne atualmente diversos órgãos de ensino e capacitação vinculados à sua estrutura, dentre eles a Fundação **CEPERJ**, incluindo instituições e universidades estaduais, federais, ensino tecnológico do estado do Rio de Janeiro e projetos como o Pré-Vestibular Social e a rede CEJA, programa de educação de jovens e adultos. Atualmente são mais de cem mil alunos.

Para além dos muros da Universidade

Sobre sua passagem pela Fundação CECIERJ, a secretária explica que tornou-se meta transformar a instituição em um "case de sucesso". Para isso realizou um trabalho de valorização dos servidores, através de qualificação e capacitação. Uma parceria recente com a Fundação **CEPERJ** possibilitou a oferta de dez bolsas para o Curso de Especialização em Administração Pública. Também foram iniciados projetos de capacitação da equipe de Recursos Humanos. O foco, segundo Maria Isabel, foi garantir a seleção de perfis que realmente façam a diferença no quadro técnico da instituição "para agora e para daqui há vinte anos". Também estão sendo realizadas parcerias com a FAPERJ, para ampliação da atuação dos 35 pólos de ensino da CECIERJ, espalhados pelos municípios, e também a divulgação do pré vestibular social, em parceria com a TV ALERJ.

ASCOM / SECTI

ASCOM / SECTI

Em meio a tantos projetos - realizados e por realizar - a professora fica pensativa ao analisar sua trajetória e afirmar que se recorda de poucas mulheres em posições de destaque.

Quando perguntada sobre figuras que lhe inspiraram, ela afirma que algumas professoras foram importantes em sua vida acadêmica, mas que não saberia citar uma referência específica de gestão.

Faltam vozes femininas em posição de destaque

Dados do IBGE dão conta de que, no Brasil, as mulheres estudam, em média, um ano e meio a mais do que os homens e correspondem a 60% da população universitária. No entanto, é comum ouvirmos questionamentos a respeito das dificuldades de mulheres alcançarem cargos de liderança. Levantamentos mostraram que uma das principais barreiras é o crescimento no início da carreira.

Para Maria Isabel, muito embora as mulheres estejam em lugares potentes, talvez ainda não lhes seja dada a voz para que possam se colocar. Na opinião da professora, mais importante do que o gênero devem ser a competência e o ideal em realizar.

"Gostaria de ter visto mais mulheres ocupando este espaço de liderança. A mulher tem uma grande força de trabalho e participa de tantos movimentos, grupos e processos que talvez a cereja do bolo fosse ela ter um cargo de maior destaque. Mas dentro da universidade nós temos isso muito claro. Muitas mulheres participam desse processo e são valorizadas. Na gestão governamental é que isso fica um pouco mais restrito".

Na opinião da secretária, os números das pesquisas não se traduzem na prática, por falta de oportunidades ou, ainda, por falta de confiança do gestor de que a mulher seja capaz de executar suas funções amplamente. Muitas vezes, por conta das responsabilidades domésticas cria-se a ilusão de que ela não poderia estar "inteira" em um projeto. "Embora homens e mulheres tenham casa e suas vidas fora do trabalho, sabemos que as responsabilidades ainda são diferentes", destaca.

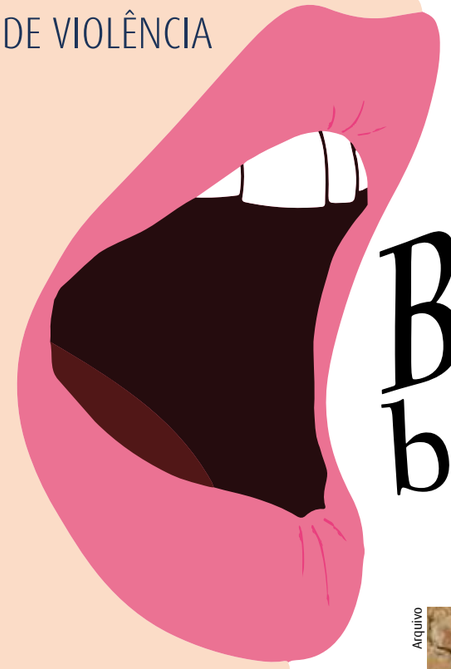
E segundo as pesquisas são mesmo. Dados divulgados em 2019 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mostram que mulheres dedicam em média 18,5 horas semanais aos afazeres domésticos e cuidados de pessoas, na comparação com 10,3 horas semanais gastas nessas atividades pelos homens (quase o dobro!). Essa rotina ficou ainda mais intensa com as restrições impostas pela pandemia.

Com uma lista de afazeres a perder de vista, Maria Isabel de Castro diz que faz o possível para 'equilibrar os pratos'

"Serei sempre a professora Maria Isabel"

Sobre o futuro, ela afirma não fazer planos. Recentemente aceita no Pós-Doutorado da Faculdade de Medicina da UFRJ, por conta de uma pesquisa sobre a subnotificação da COVID-19, Maria Isabel conta que o único papel para o qual se preparou foi o de professora. Daqui há dez anos, ela se imagina "voltando para a casa", com muita experiência e podendo devolver à Universidade tudo aquilo que ela lhe proporcionou.

"A única coisa que eu planejei foi ser professora da minha universidade. Foi algo que eu assumi como compromisso e me dediquei para conquistar. Nenhum outro cargo foi algo que eu tivesse como uma aspiração de vida. Sempre foram desafios que me foram propostos. Alguns aceitei, outros não. Professora eu vou ser para sempre. Esse título ninguém vai me tirar. Presidente, secretária, tudo isso é passageiro, eu estou hoje e amanhã eu posso não estar. A professora Maria Isabel eu serei eternamente", conclui, sorrindo.



Barulho bom

"Os números nos dão uma diretriz, mas o mais importante é a escuta ativa"

Arquivo

"Somos poucas, mas fazemos barulho". Essa é uma das frases que definem bem a personalidade e a trajetória de Camila Rodrigues, Subsecretária de Políticas para Mulheres do estado do Rio de Janeiro. Aos 37 anos, a bailarina, publicitária e especialista em marketing político, tem fala rápida e firme, e cabeça erguida de quem sabe o que está falando. Com longa trajetória na luta pelos direitos dos deficientes físicos, Camila é também o nome à frente da Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (Andef), instituição criada por sua mãe e considerada a maior da América Latina para pessoas com deficiência.

Vítima da poliomelite ainda criança, a mãe de Camila deu o pontapé inicial a esse sonho. Hoje, a Andef é referência no suporte a essa parcela da população. Atualmente são mais de 300 pessoas com deficiência empregadas, mais de 800 mil atendimentos diretos realizados, e o maior Centro de Treinamento voltado para pessoas com deficiência na América Latina.

Foi lá que Camila deu os primeiros passos na dança, sua grande paixão. Formada em balé, ela começou dando aulas em projetos comunitários. O Grupo Corpo e Movimento veio algum tempo depois e se tornou o maior grupo de dança de deficientes físicos da América Latina. Já são três paralimpíadas no currículo.

Fotos de Arquivo

"Nos apresentamos no Brasil e em Londres. Dançamos na paralimpíada de Sidney e fizemos a abertura e encerramento das paralimpíadas aqui do Rio."

Camila Rodrigues chegou à gestão pública em 2018, após anos na Alerj (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro). O convite era para assumir a pasta de Pessoas com Deficiência.

"Pude desenvolver um trabalho de transversalidade entre as prefeituras, levando arquitetos para os municípios, buscando acessibilidade e o resgate da cidadania plena para essa parcela da população. Minha musa inspiradora é minha mãe. Ela colocou Niterói na lista das cidades mais acessíveis do país."

Em janeiro deste ano ela se viu diante de um novo desafio: a Secretaria de Políticas para Mulheres. Após aceitar o convite, Camila montou uma equipe multidisciplinar e iniciou um trabalho voltado para o atendimento e acolhimento de mulheres vítimas de violência. O diferencial foi o apoio de advogados, psicólogos e assistentes sociais, além das parcerias com o Projeto Lilás, do Tribunal de Justiça, com as patrulhas Maria da Penha, da Polícia Militar, e com as delegacias especializadas da mulher.

"Trouxe para a secretaria a mesma transversalidade dos meus projetos anteriores. Durante o carnaval iniciamos a campanha nacional "Não É Não", em vários blocos de rua e na Sapucaí. Somos poucas, mas fazemos um barulhão!", diverte-se.

Dividindo o espaço com o Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (CEDIM) - os órgãos funcionam no mesmo local - a subsecretária explica que a proximidade facilitou o trabalho.

"Investimos em parcerias através de cursos de qualificação e na promoção de grupos de apoio. É importante que essas mulheres tenham independência financeira. Entendemos que a empregabilidade é um divisor de águas para as vítimas de violência", destaca.

Atualmente a Secretaria de Políticas para as Mulheres conta com quatro centros estaduais. Mas já existe o projeto de regionalizar o serviço, aumentando a capacidade de atendimento.

"Trabalhamos com Casas de Passagem, que são locais que abrigam vítimas de violência. Já os abrigos sigilosos recebem mulheres que sofrem ameaças de morte. Nossos esforços estão focados também no aluguel social. É um projeto muito importante e que deve ser aprovado. Essa verba permitirá que muitas mulheres possam ter um local seguro para viver com seus filhos", detalha.

Camila explica que, durante a pandemia, a questão da violência doméstica se tornou um problema ainda mais grave. Somente no estado do Rio, entre os meses de março e agosto de 2020, houve aumento do percentual de ocorrências em residência nos registros dos crimes mais graves. Para Violência Física, o percentual aumentou de 60,2% em 2019 para 66% em 2020. Para Violência Sexual, uma variação ainda maior: 58,3% em 2019 para 67,1% em 2020. Os dados são do Dossiê da Mulher, levantamento realizado pelo Instituto de Segurança Pública (ISP) do estado.

"Somos poucas, mas fazemos barulho"

"Nos deparamos com casos gravíssimos. Mulheres em cárcere privado e sofrendo o que chamamos de "violência sanitária", que é quando o companheiro não permite que a mulher lave as mãos ou utilize álcool em gel para se proteger. Ele faz tudo para colocá-la em risco. Foi nesse período de pandemia que começamos a traçar uma política emergencial com a ajuda da Patrulha Maria da Penha, de auxílio emergencial, cesta básica e produtos de higiene pessoal".

A subsecretária ainda ressalta que a redução do número de registros não significa que a violência contra a mulher esteja diminuindo, mas, sim, que poderá haver subnotificação neste período de isolamento social.

"Cada município tem sua especificidade. Alguns apresentam mais casos de violência patrimonial, outros violência física. A Baixada Fluminense, por exemplo, é uma das que apresentam altos índices. Atendemos, em média, 50 mulheres por mês. Durante a pandemia foram 40 em apenas uma semana".

O trabalho é desenvolvido em diversos canais. Parcerias, atendimentos por Whatsapp, sempre com uma abordagem humanizada e acolhedora. "Quero que elas tenham a certeza de que podem contar conosco. É isso que faz com que os registros e as denúncias aumentem", destaca.

Um ponto importante é a dependência econômica das vítimas em relação aos parceiros. Para reverter o quadro, Camila aposta na informação. Um trabalho conjunto com o Ônibus Lilás leva a equipe aos 92 municípios do estado para atendimentos, conversas e escutas ativas. "Os números nos dão uma diretriz, mas o mais importante é escutar as aflições dessas mulheres".

A subsecretária conta que ficou surpresa ao descobrir que não há sequer uma denúncia de mulher deficiente - cenário que considera preocupante.

"Estamos falando de mulheres que dependem financeiramente e psicologicamente desses homens. Elas precisam que eles as levem a uma consulta médica, que lhes dêem seus medicamentos. Elas dependem deles para sua sobrevivência", enfatiza.

O desconhecimento das mulheres em relação aos próprios direitos é algo que incomoda Camila. Segundo ela, muitas ainda sofrem sem se darem conta de que estão sendo vítimas de violência.

"Ainda me choco ao perceber que muitas desconhecem a existência de violência moral, psicológica e sexual. Por serem casadas, elas acreditam que o marido é detentor real do corpo delas. Me arrisco a dizer que pelo menos 60% das mulheres acham que violência doméstica é apenas física. Precisamos mostrar que existem fases. A violência se dá através de um processo".

Sobre os desafios em sua trajetória, Camila revela que sempre soube que não seria fácil, mas não se deixa abater. "Já fui colocada em xeque em muitos momentos. Aí é que faço questão de provar minha competência".

Ao ser questionada sobre a palavra otimismo, mesmo diante de tanta violência, ela é curta e direta como em todos os momentos.

"Ainda existem muitas barreiras a serem superadas, principalmente de acessibilidade e respeito às leis já existentes, como a lei brasileira de inclusão e a capacitação das pessoas com deficiência. Mas virar o jogo também depende da união entre as próprias mulheres. Já galgamos muitas conquistas, mas merecemos mais. Precisamos incentivar umas às outras. Nos apoiar e ter voz ativa. Nossa força está na representatividade e no apoio mútuo. É nisso que acredito", conclui.

O "xis" da questão

'As pessoas não percebem seus direitos, embora tenhamos uma constituição maravilhosa', afirma Renata Gil, juíza criminal e primeira mulher a ocupar a presidência da Associação dos Magistrados Brasileiros

Caio Thomaz

Juíza celebra êxito da Campanha Sinal Vermelho e conta que mulher denunciou nove anos de cárcere privado

A juíza Renata Gil, 49, estava sentada no sofá de casa, assistindo TV, quando se deparou com dados chocantes sobre os casos de feminicídio durante a pandemia do novo coronavírus.

"Informações sobre o Maranhão, especificamente, me assustaram. Houve 157% de aumento em mortes de mulheres e 97% de decréscimo em relação aos registros de ocorrência. As mulheres não estavam conseguindo denunciar seus agressores", relatou a juíza, que imediatamente entendeu que era preciso encontrar uma saída para o problema.

"Algumas delegacias estavam fechadas. Fóruns fechados. Defensorias sem atendimento presencial... Onde essas mulheres iriam denunciar? Foi aí que pensei nas farmácias", conta.

E foi deste ponto de partida que surgiu a Campanha Sinal Vermelho, idealizada pela magistrada.

"Liguei para a minha diretora de mulheres, a juíza Domitila [Manssur, do TJSP], e falei que precisávamos fazer alguma coisa. Ela sugeriu uma campanha, e eu propus a parceria com farmácias, que são estabelecimentos existentes em todo lugar do Brasil e cujo funcionamento, algumas vezes, é 24 horas", rememora a juíza fluminense.

Inspiradas no sinal vermelho que as mulheres indianas usam na testa, as juízas então chegaram a uma decisão: usariam um "xis" vermelho para identificar a campanha.

"É um símbolo inequívoco. Tipo: "pare, chega, não tem mais como prosseguir com essa violência". E assim a AMB lançou a campanha, com o apoio do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Bastava que as mulheres vítimas de violência desenhassem um "x" vermelho na palma da mão e mostrassem para algum atendente de farmácia, que essa pessoa imediatamente ligaria para a polícia e informaria os dados cadastrais da pessoa para que ela pudesse ser socorrida em sua residência.

A campanha ganhou o país inteiro e foi bem sucedida. Muitas mulheres, segundo Renata, nem usam mais o sinal vermelho. "Elas fazem a simulação de um 'x' na palma da mão, com o dedo, e já conseguem denunciar."

Satisfeita com os resultados da campanha e confiante de que o sistema de proteção à mulher se tornou mais eficiente a partir de então, a juíza diz que ficou surpresa com as histórias sobre as quais tomou conhecimento.

"Duas delegadas foram até um local de denúncia de violência e uma mulher conseguiu se libertar depois de oito anos de cárcere privado. Também soube de uma mulher que usou o símbolo da Campanha Sinal Vermelho e, através disso, conseguiu denunciar nove anos de cárcere privado. São inúmeras histórias que tenho recebido de pessoas que não tinham condição de denunciar. Peguei o caso de uma deficiente auditiva que conseguiu tirar a foto dela com a mão o sinal vermelho, mandou para a farmácia. A farmácia chamou o 190 e ela foi socorrida."

Juíza criminalista, Renata Gil garante que o número de denúncias de violência contra a mulher aumentou significativamente desde o início da cam-

Caio Thomaz

panha e diz que, infelizmente, a pandemia revelou novas formas de violência doméstica.

"As mulheres estavam todas em isolamento social muito severo. Ninguém saía de casa sequer para fazer compras. Tinha aquele medo todo. E a gente sabia de casos de homens que iam para bar, que ficavam na rua bebendo, e chegavam em casa procurando as mulheres para contaminá-las. Além de proibir o uso de mecanismos de higiene, usavam seu próprio corpo para a contaminação da mulher. Isso foi assustador e chocante."

"Machismo e violência contra a mulher são responsabilidade de todos"

Em um ambiente ocupado majoritariamente por homens, o mandato da juíza Renata Gil como presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) ganha destaque.

"Fui a primeira mulher em 70 anos de existência da associação e também foi inédito o fato de eu ter sido a primeira candidata do sexo feminino", conta.

Ela afirma que este processo de escolha envolve os 14 mil magistrados brasileiros associados.

"Fui submetida ao crivo de toda a classe, pelo país todo. Muito me honrou esta escolha, porque passei por diversas regiões do país e abri um movimento muito forte das mulheres querendo essa representatividade", ressalta.

A magistrada acredita que seu mandato na AMB poderá inspirar outras mulheres a galgarem posições cada vez mais altas.

"Já temos a AMB e outras sete associações com mulheres.Isso é um movimento da sociedade", comemora.

No entanto, mesmo diante deste cenário, ela diz que ainda não é possível dizer que o machismo no judiciário está diminuindo.

"Isso é um processo cultural e educacional. Essa geração foi formada com essa concepção patriarcal. O que estamos fazendo é arrefecer este pensamento", diz.

E acrescenta: "O combate ao machismo e à violência contra a mulher são responsabilidade de todos, não apenas das mulheres. Precisamos de mais decisões judiciais mostrando pensamento de igualdade. Essas coisas precisam estar escritas nas decisões (...) Independentemente das mulheres estarem ocupando as cadeiras do judiciário, é preciso que os magistrados brasileiros estejam alinhados com essa necessidade".

Virada de mesa

Mesmo diante de tantos desafios e de um cenário em que fica evidente a falta de conhecimento da população sobre os direitos das mulheres, Renata Gil é otimista quando pensa em um futuro próximo.

"Estou vendo uma virada de mesa muito grande. Uma poeira sendo tirada debaixo do tapete, que é absolutamente sensacional. Acho que em pouco tempo vamos conseguir reverter estes números, mas temos o dever de casa gigantesco a fazer, e o primeiro deles é concentrar os números de violência em um instituto público", pontua. "Hoje, só o Fórum Nacional de Segurança Pública tem esses números. As secretarias de segurança não têm um padrão de coleta desses dados, o que dificulta muito o diagnóstico e a atuação. Tenho batido muito na tecla de uma estratégia nacional de combate da violência contra a mulher."

E faz um alerta: "Denunciem. A denúncia pode ser anônima e você não precisa se identificar. Cada vez mais teremos leis que vão compelir pessoas responsáveis a denunciar. Todo mundo tem uma amiga, uma prima, uma irmã, que sofre violência. Conscientize as pessoas a procurar seu caminho da liberdade e denunciar".

"O que eu quero é que todas as mulheres tenham, além de sua vida e integridade física preservadas, que elas possam escolher os seus caminhos. Aonde viver, como viver, em que escola colocar seus filhos, o que comer... Enfim, que elas tenham a liberdade constitucional que é garantida a todos e que sabemos que as mulheres não têm em nosso país."

Outubro Rosa,

Após descobrir câncer de mama aos 42, Luana Lourenço diz que ressignificou a vida:

"Aprendi a redefinir conceitos de beleza e de riqueza"

Com os cabelos raspados formando um tímido moicano no topo da cabeça, Luana Lourenço, 43, recebe a equipe de reportagem do Boletim Mulheres Fluminenses na sala de reuniões da Secretaria de Estado de Fazenda do Rio de Janeiro (SEFAZ), onde atua como Assessora Especial do Gabinete do Secretário.

O encontro poderia ser desassossegado, já que a pauta é o câncer de mama que a gestora pública enfrenta há cerca de um ano. No entanto, Luana chega à sala de reuniões gesticulando, cumprimenta a todos, pega um café, oferece aos demais, diz que quer bater papo e sorri - para a jornalista, para o cinegrafista, para si mesma e para o câncer.

O sinal vermelho

Foi através de um autoexame realizado em 2019 que a assessora tomou conhecimento de que tinha um nódulo na mama direita. Com a agenda abarrotada de compromissos profissionais - que incluíam não só o seu cargo no governo, que à época era na Subsecretaria de Estado da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro (SECTI), mas também o trabalho como professora de cursos de pós-graduação em grandes universidades - ela acabou postergando sua ida a um mastologista que pudesse avaliar seu caso.

Um dia, o sinal vermelho acendeu e o nódulo passou a doer - o que significava que era hora de esquecer sua agenda cheia de compromissos profissionais e correr para o médico.

"Procurei uma mastologista e ela me passou uma série de exames. Ressonância, ultrassom, mamografia... Através deles eu descobri a classificação do câncer, que era BIRADS 5, a classificação máxima de alta suspeita de malignidade. Isso foi no início de novembro de 2019, logo após o Outubro Rosa", relembra Luana.

Em seguida, ela acrescenta: "Este foi o único momento em que eu chorei. A incógnita é uma coisa muito ruim. Não saber o que você tem, o que vem pela frente. E é impossível dizer que você não vai pegar o resultado e ir correndo para a internet pesquisar sobre a forma do seu câncer, sucesso e recidiva antes de entregá-lo para o médico avaliar".

Após levar o resultado dos exames de imagem para a mastologista e realizar uma biópsia, veio o

diagnóstico: carcinoma invasivo grau 3, um tipo de câncer de origem hormonal, que acomete cerca de 80% a 90% das mulheres com câncer de mama.

"Quando recebi o resultado da biópsia, já enxerguei a situação de outra forma. Pensei: não há mais o que fazer. Agora é encarar de frente."

Apoio de familiares e amigos

Mãe de Manuella, 12, e Maria Luisa, 14, frutos do casamento com o jornalista Alex, de 48 anos, Luana garante que o apoio da família, amigos, chefe e colegas de trabalho foi essencial para que superasse os capítulos difíceis de sua história com o câncer.

"Como gestora, é um momento delicado, mas o meu superior sempre me mostrou que eu não estava sozinha. Minha equipe também foi muito boa e não deixou o trabalho para trás. Estávamos em home office em razão da pandemia do novo coronavírus e foi o momento em que eu mais trabalhei. Era necessário. É importante a gente ocupar nossa mente, focar em metas e objetivos - e a gente tinha muitos na secretaria. É isso. A partir daí foi uma luta constante", conta ela, que atualmente, mora em Vila Isabel, bairro localizado na Zona Norte do Rio, pelo qual se diz apaixonada.

Paraense, Luana conta que veio para o Rio de Janeiro nos anos 2000. Formada em Economia e Direito, ela aterrissou em terras fluminenses para fazer mestrado em engenharia de produção na área de finanças e de investimentos pela PUC-Rio. Logo depois, engatou dando aula em diversas universidades do estado e iniciou sua trajetória como gestora pública.

Caio Thomaz

Gestora pública do Estado do Rio, ela afirma que o apoio da família, do chefe, dos companheiros de trabalho de amigos foi importante para que ela não deixasse a peteca cair

Hora de ressignificar

Os efeitos colaterais resultantes de cinco meses de quimioterapia, o cansaço nas alturas e a autoestima muitas vezes abalada fizeram com que Luana passasse a ressignificar a vida e a olhar o mundo através de novas perspectivas.

"Do dia em que descobri o câncer ao momento em que fiz a mastectomia total e a reconstrução da mama se passaram 40 dias. Estive nas mãos de excelentes médicos. Tudo foi muito rápido e eu agradeço a Deus. Muitas mulheres não têm essa oportunidade. Devido a situação que temos hoje, uma pessoa que descobre um câncer e não tem plano de saúde tem que contar com a qualidade do serviço público e nem sempre ela tem", reflete.

Sobre a nova aparência, ela diz: "Havia momentos que eu me olhava no espelho e me perguntava: quem é essa pessoa? Sempre fui vaidosa, tive cabelos longos... O cabelo representa muito da alma da mulher, mas não é tudo. E eu aprendi a me olhar de outra forma. Aprendi a redefinir conceitos de beleza e de riqueza. É tão gostoso quando você está careca. Você tem outros prazeres, como sentir a água caindo na sua cabeça... Isso é tão bom. Nesse momento a minha saúde está escassa e passei a dar valor a cada detalhe."

A fé, segundo ela, também foi importante: "Falam que eu sou alegre, que eu contagio, que estou sempre feliz. E vou te dizer: é Deus. A fé ajuda a gente acreditar que existe algo superior a nós, e que tudo o que estamos passando é um processo de aprendizado".

O câncer também fez com que Luana colocasse o equilíbrio no topo de suas prioridades.

"Às vezes é necessário você se dar um tempo, se permitir, e chorar também. As mulheres são muito cobradas para dar conta de tudo [vida pessoal e profissional]. Mas quando você tem um problema como esse, você entende que é necessário parar um pouco", diz. "As minhas unhas se fragilizaram. Eu tinha unhas de acrigel, ia ao salão, e agora brinco que pelo menos estou economizando recursos (risos). A gente se preocupa com outras coisas na vida: ter uma boa alimentação, praticar atividade física... Coisas que antes eu não dava valor. Então essa cobrança passou a ser redirecionada. Passei a me cobrar como mulher, mas pela minha saúde. A vida é passageira."

Desafio em dose dupla

Como se não bastasse o desafio de enfrentar o câncer, o destino confiou à que a doença chegasse justamente no momento da pandemia do novo coronavírus, a qual virou o mundo inteiro de cabeça para baixo.

"Quando você está em pandemia, é como se desconhecesse o adversário. Afinal, você não sabe quem você está enfrentando. Mas eu conhecia o adversário que era o câncer. E eu sabia que eu não podia parar. Não fui dispensada do trabalho. Trabalhei em home office. Fiz toda a quimioterapia desde o dia 6 de março, no contexto de pandemia. E quando aquele líquido entrava em mim, eu pensava que ele estava tirando todas as células ruins que maltratam meu corpo, para me libertar... Eu o chamava de tônico da cura. Se não fosse dessa forma, eu não aguentaria. Pensar que estava entrando vida dentro de mim me motivava."

Faltando cinco anos para o tratamento de hormonioterapia terminar, a professora e gestora pública resume a experiência de forma inspiradora.

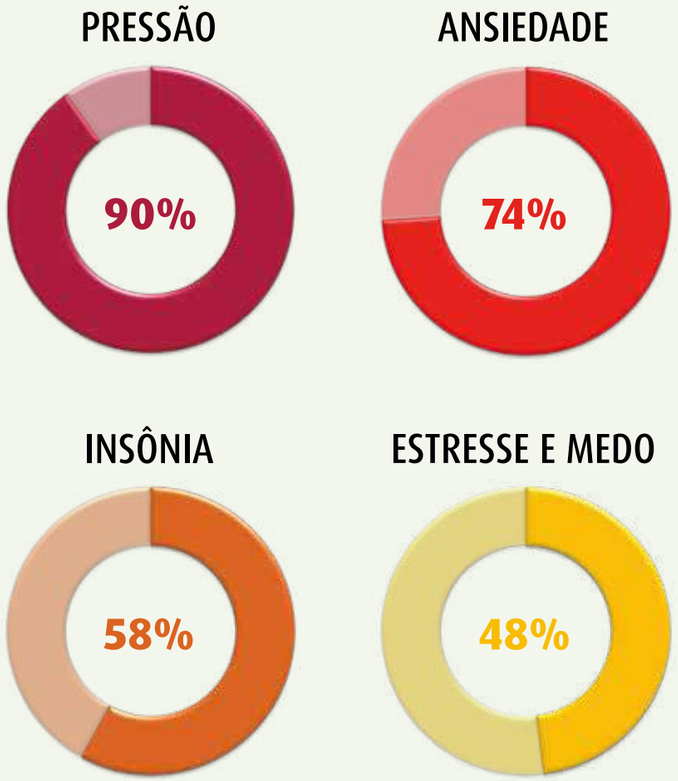
"Todas as pessoas recebem um papel em branco e uma caneta. Somos capazes de desenhar nosso destino. Acredito que a gente trilha nosso caminho, mas às vezes a caneta falha", diz.

E continua: "É necessário buscar uma outra caneta e às vezes ela tem uma cor diferente. Nem por isso você deixou de desenhar, mas agora é com uma cor nova. Uma caneta falhada não te dá os traços certos. É como se meu caminho estivesse indo para um lado, veio o câncer e eu tive que ressignificar e dar uma nova direção. Acho que a partir de agora a direção vai ser melhor. Eu passo a enxergar a vida de uma forma diferente."

Você está cuidando da sua saúde mental?

Pete Linforth / Pixabay

*Mais de **560 milhões** de pessoas no mundo convivem com algum tipo de transtorno mental*



CEPERJ realiza levantamento para avaliar consequências do isolamento social na saúde de servidoras

Quando pensamos na empresa ideal para trabalhar, o que nos vem à cabeça são os benefícios que ela oferece, não é mesmo? Talvez. Pode ser que há alguns anos pensássemos assim. Mas, atualmente, a qualidade do ambiente de trabalho e os impactos que ele provoca na saúde mental do profissional também passaram a ser considerados.

Estudos mostram que os distúrbios mentais e emocionais podem ser tão (ou mais) prejudiciais do que os males físicos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 560 milhões de pessoas no mundo convivem com algum tipo de transtorno mental. O impacto disso na economia é uma perda de produtividade em torno de US$ 1 trilhão ao ano.

Somente no Brasil, os transtornos comportamentais e de saúde mental já são a terceira causa de afastamento de trabalhadores.

Pensando nesses números e nos impactos provocados pelo isolamento social no período de pandemia, a Fundação **CEPERJ**, através da Coordenadoria de Gestão da Informação realizou um levantamento com as servidoras da instituição, para avaliar possíveis consequências das mudanças no modelo de trabalho.

De acordo com o resultado da pesquisa, 74% das entrevistadas apresentaram sintomas como ansiedade, 58% tiveram episódios de insônia e 48% relataram sintomas como estresse e medo.

Para 90% das entrevistadas houve uma sobrecarga de trabalho, consequência do home office somado ao trabalho doméstico, resultando em cansaço físico e emocional.

De acordo com a coordenadora da pesquisa, Nathalia Emygdia, o levantamento é um reflexo do que aconteceu com a maioria das mulheres nesse período.

"A pressão para dar conta do trabalho e da família é muito grande. E nessa situação específica ainda temos de lidar com o medo do desconhecido e com a falta de perspectiva em relação à vacina. Não sabemos por quanto tempo essa situação irá se manter. Os números mostram que está sendo um grande desafio para todos nós", ressalta.

O presidente da **CEPERJ**, Gabriel Lopes, afirma que a pesquisa ajudará a Fundação a encontrar alternativas para driblar os impactos na saúde mental das servidoras. Algumas ações já estão sendo organizadas para promover melhoria na qualidade de vida das servidoras.

"Teremos ações como o **CEPERJ** Empodera que será um dia de beleza dedicado a elevar a autoestima das servidoras e atividades como aulas de Yoga e ginástica laboral, na praia. Também estamos organizando encontros com psicólogas e assistentes sociais do nosso quadro, para que aqueles servidores que sentirem necessidade de uma escuta possam ter esse acolhimento", detalha.

Nossas mulheres de força

Caio Thomaz

Foto de fundo Giani Pralea / Pixabay

Entre as misérias da vida e a riqueza dos sonhos

Monique tem 40 anos e uma coleção de desafios no bolso. Ela é preta e moradora do Morro da Babilônia, comunidade localizada na zona sul do Rio. Tem um filho autista e há nove anos lida diariamente com dores de cabeça causadas por uma série de tumores que descobriu após fazer uma ressonância. Teve seu tratamento de saúde paralisado em razão da pandemia do novo coronavírus. Acredita que tenha sido infectada pelo covid, mas não pode fazer teste para saber. Não sabe se foi pela angústia ou por acaso, teve dois sangramentos nasais neste período, que lhe causaram preocupação.

Enquanto a vida insiste em esfregar suas misérias na cara de Monique, ela vive normalmente em busca de seus sonhos. "Quando as pessoas descobrem que eu tenho vários tumores, fazem cara de assustadas, como se eu fosse morrer naquela hora", diz ela, rindo. "Mas eu vou vivendo normalmente. Meu médico disse para eu cuidar da minha vida, porque da minha saúde ele cuida".

Com um astral de dar inveja, a assistente social confessa que também tem seus dias de tristeza. "Meu travesseiro é quem sabe de tudo. Às vezes digo a Deus que acho melhor eu ir embora. Mas no outro dia já vou logo dizendo pra ele que mudei de ideia", conta.

Segundo ela, o filho também também é um bom conselheiro. "Outro dia perguntei pra ele o que ele faz para se manter feliz quando um monte de coisas tristes acontecem em nossa vida. Ele me disse que era só eu imaginar uma coisa feliz. Então é assim que eu faço", conta Monique, que se diz uma leoa quando vê o filho sofrendo preconceito. "O coração aperta. Dá vontade de brigar. Mas depois você vê que as pessoas simplesmente não conseguem se colocar no lugar dos outros".

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e assista a um vídeo exclusivo com trechos das entrevistas

@fundacaoceperj

facebook.com/fundceperj

contato@ceperj.rj.gov.br

comunicacao@ceperj.rj.gov.br

www.ceperj.rj.gov.br

FUNDAÇÃO
CEPERJ

Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro

Avenida Carlos Peixoto, 54, Botafogo - CEP 22290-090

www.ceperj.rj.gov.br

Secretaria de
Ciência, Tecnologia e Inovação

GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO